

# Os pequenos bancos conquistam seu espaço no sistema

Os pequenos e médios bancos brasileiros tiveram uma evolução de até 300% em seus negócios em 1981, e muitos esperam um crescimento global ainda maior em 1982. Seus proprietários consideram que as últimas resoluções do Conselho Monetário Nacional — permitindo que essas instituições abrissem novos postos de serviço e agir com maior volume operacional — foram fundamentais para dinamizar o setor.

“Os poderosos grupos financeiros compreendem que a permanência dos bancos pequenos e médios é indispensável aos sistema”, explica Theóphilo de Azeredo Santos, presidente da Federação Nacional de Bancos e diretor-presidente do Banco Interpart, que cita o exemplo dos EUA, onde milhares de bancos pequenos convivem com “potências financeiras” e acredita que haverá um fortalecimento dos bancos menores no Brasil.

Diretores dos bancos menores afirmam que suas empresas sobreviveram nos últimos anos graças ao atendimento diferenciado dado aos clientes. “Os grandes bancos funcionam como supermercados e o cliente acaba sendo atendido num processo massificante”, opina Adhemar César Ribeiro, diretor-superintendente do Banco das Nações, que até fins de 1980 estava classificado como banco pequeno (com 431 mil MVR — Maior Valor de Referência), mas que com o crescimento dos empréstimos tornou-se um banco médio. O Banco Central cataloga como bancos médios estabelecimentos que apresentam de 431 mil a 5,1 milhões de MVR. Além desse valor, o banco é considerado grande.

Ribeiro garante que apesar do crescimento, em seu banco, o cliente ainda

“é a principal figura”. As carteiras de Crédito Rural e de Desconto representam a base de atuação do banco. Nas agências instaladas na Grande São Paulo, os maiores clientes são lojas como a Mesbla ou o Mappin e Ribeiro destaca que nos 25 anos de existência, o Banco das Nações sempre evitou o grande perigo a que se expõem os bancos pequenos: dependência financeira: “Sempre exigimos que o volume de negócios ou depósitos sejam compatíveis com o porte bancário”.

Olacyr Francisco de Moraes, diretor do Banco Itamaraty, tem opinião semelhante. Observa que entre seus clientes figuram indústrias do porte da Mercedes-Benz, sem “riscos de perdemos a autodeterminação”. Olacyr diz que o governo deu um impulso nos bancos menores no ano passado, permitindo as operações de câmbio e autorizando a criação de postos bancários em indústrias e empresas.

Ribeiro diz que em suas agências um total de cem funcionários especializados no mercado financeiro cuidam da “agilização do capital dos maiores clientes”, ou seja, as contas mais volumosas, a pedido de seus titulares, poderão movimentar dinheiro no open market, em operações de câmbio e capital de giro, entre outras opções.

Theóphilo considera que outras medidas podem ser tomadas pelo Banco Central para garantir a evolução dos negócios empreendidos pelos pequenos e médios bancos. E a Fena-ban elaborou algumas sugestões nesse sentido, destacando-se: abertura de maior número de postos de serviço, alargamento do volume operacional, possibilidade de compra de cartas patentes de outras instituições financeiras e simplificação de documentos.